

“O corpo não traslada, mas muito sabe”¹: refletindo sobre construção de corporalidades na Antropologia dos Esportes no Brasil²

Cilene Lima de Oliveira

Introdução

Quando fui convidada a escrever este capítulo sobre as temáticas da corporalidade e da Antropologia do(s) esporte(s) e suas mútuas contribuições, imediatamente comecei a organizar, mentalmente, os trabalhos brasileiros que conheço a respeito desses temas (especificamente falando sobre a presença dos estudos sobre construção de corporalidades³ nos estudos sociais do esporte). Comecei a me dar conta de que não eram muitos, mas que essa lacuna, que eu havia apontado na minha dissertação três anos atrás, vinha sendo preenchida. Eu coloco a palavra esportes com o “s” entre parênteses para destacar a pluralidade dessas práticas. Então, aqui, quando ressalto essa lacuna, o faço para localizar a pontualidade com que os estudos sociais dos esportes foram sendo ancorados no futebol, até pouco tempo atrás.

Isso, do meu ponto de vista, achatou, por algum período, as possibilidades de alargamento dos estudos sobre corpo na Antropologia dos

1 Frase de Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*.

2 O tema da corporalidade apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por intermédio do trabalho de Ana Maria de Souza, *A construção da corporalidade em mulheres surfistas*.

3 Quando me referir aqui à “construção de corporalidades”, estarei evidenciando a presença de referenciais sobre corpo (o que pode estar relacionado a diferentes aspectos como: emoções, gênero, dor, envelhecimento, sofrimento etc.). Isso inclui, por exemplo, conceitos como o de técnicas corporais, *habitus*, *performance*, *selfs*, dentre outros.

Esportes, sobretudo no Brasil, uma vez que, a maioria dos trabalhos sobre futebol investia pouco sobre a construção de corporalidades, investindo mais em questões como identidade nacional, torcidas organizadas e violência nos estádios, por exemplo. Embora já na década de 1990 houvessem publicações sobre o tema, como o livro *Jogo de Corpo*, de Simoni Lahud Guedes (1997), pioneira e fundadora da Antropologia dos Esportes no Brasil. Nessa produção, a autora discorre longa e generosamente sobre a questão do corpo, no entanto, me parece que "corpo" ou "corporalidade" ficavam, na maior parte das vezes, de fora da maioria das reflexões nas pesquisas sobre esportes, incluindo os trabalhos produzidos sobre o futebol (que eram a maioria), nessas últimas décadas.

Nesse exercício reflexivo em que me debrucei, recordei de um Grupo de Trabalho (GT) elaborado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), que aconteceu em Brasília no final de 2018 e que, embora a maior parte dos trabalhos ainda versasse sobre futebol, teve uma sessão inteiramente organizada para comportar os trabalhos que se dedicavam especificamente à questão do "corpo" ou das "construções de corporalidades". A presença dessa sessão com variadas pesquisas sobre diferentes esportes (vôlei, natação, escalada, malha, ultramaratonas) não apenas enriqueceu o GT, como também apontou para uma significativa contribuição da presença da Antropologia dos Esportes nos espaços de circulação de saberes antropológicos, dados os ricos debates possibilitados.

Nesse mesmo evento, eu participei também do Grupo de Trabalho de Antropologia da Saúde. Neste, agora não mais como proponente, mas como ouvinte, coloquei a questão do esporte para os debatedores como participe das reflexões sobre corpo, saúde e políticas públicas. Ao que coloquei a reflexão e apontei para ausência da discussão sobre esporte naquele espaço, os interlocutores concordaram que aquela era uma questão interdisciplinar que não se apartava da temática ali proposta e que, de fato, a ausência de algum trabalho sobre ou a partir de uma prática esportiva indicava um espaço que poderia ser preenchido.

Descrevo essa situação para sublinhar duas coisas importantes: a primeira para apontar a importância de pensarmos a temática da corporali-

dade como uma temática complexa que não apenas se expande para outras linhas de reflexão (como a Antropologia da Saúde, por exemplo), como também se entrelaça dialeticamente no sentido teórico das reflexões, isto é, há muitas imbricações a falar sobre corpo que não somente a clássica revisão referenciada nas "técnicas corporais" (MAUSS, 1974) (como melhor se discutirá adiante). A segunda coisa que essas ocasiões me proporcionaram observar foi que a correlação entre construções de corporalidade e esportes ainda era vista como um tema menos relevante por outras linhas de reflexão que muito se aproximam dos subtemas que esse assunto comporta, como a questão da saúde. Esse fato reforça ainda mais a importância da consolidação da Antropologia dos Esportes nos espaços de discussão antropológica.

Ainda no mesmo mote de retomar o estado da arte da confluência da temática da corporalidade com a Antropologia dos Esportes, vejo que é relevante dizer que, embora eu tenha me lembrado da mais recente Reunião Brasileira de Antropologia para ressaltar a inserção do eixo temático sobre corpo no grupo de trabalho sobre esportes, a inclusão desse eixo nos GTs desse evento (mais particularmente o GT Antropologia dos Esportes) já podia ser percebida desde a 23ª RBA (Embora, nessa reunião e nas subseqüentes, os grupos ainda apresentavam predominância de trabalhos sobre futebol na perspectiva apontada anteriormente, ou seja, com pouquíssimas reflexões sobre as corporalidades)⁴.

Eu, particularmente, venho me dedicando à temática da corporalidade de forma mais engajada desde a construção de minha dissertação, intitulada *Aventura, Performance, Sofrimento: construção de corporalidades em Esportes de Aventura*. Desde então todos os meus trabalhos estão sob a égide dos estudos sobre o corpo. O que ampara e referencia meus trabalhos são meus interesses em investigar o papel, usos e os significados que os interlocutores conferem aos seus corpos nos esportes que venho pesquisando. Hoje, no doutorado, a minha pesquisa trata sobre a relação entre corpo e mente, dores, sofrimentos e limites corporais em ultramaratonas, que são corridas pedestres com distâncias superiores aos 42km 195m

4 Essa revisão pode ser acompanhada no site da Associação Brasileira de Antropologia, com as informações sobre os Grupos de Trabalhos nas RBAs.

oficiais da maratona. Nesse sentido, minha participação neste livro será apresentar o estado da arte da temática da construção de corporalidades e sublinhar intersecções relevantes dentro dessa temática a partir de sua inserção nos fenômenos sociais que são as práticas esportivas e, por sua vez, articular essa reflexão ao diálogo estabelecido nos trabalhos e Grupos de Trabalhos (focando um pouco mais nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia) em que esse campo toma forma, de modo que aqui aponto as dialéticas maneiras de alimentá-lo.

Além disso, minha inserção na temática busca compreender a corporalidade a partir da perspectiva de que ela é uma construção constantemente em mutação. Ainda que eu recorra, por exemplo, ao conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1983, 2001) e fale de uma estrutura, estruturada e estruturante, das práticas dos sujeitos, assume-se que as práticas estão sujeitas não apenas aos seus respectivos contextos, mas que estão constantemente sendo moldadas pelos indivíduos. Também compete dizer que falar sobre corporalidade engloba investigar interseccionalmente subtemas, como: emoções, gênero, performances, consumo, envelhecimento, dor, saúde etc.

Assim, falarei da noção de corporalidade tentando aprofundar suas interlocuções e articulações com os supracitados subtemas, importantes e recorrentes, que, ao aparecerem nos trabalhos dentro dos grupos que pesquisam esporte, acrescentam camadas de análises frutíferas não apenas para a Antropologia dos Esportes, mas que, no caminho de volta, acabam proporcionando novas reflexões sobre eles mesmos e, a partir daí, possibilidades de construção de novas teorias da análise social.

Corporalidade: um conceito guarda-chuva

Falar sobre as contribuições do tema da corporalidade na Antropologia dos Esportes certamente nos impulsiona a falar de conceitos como o de *habitus*, técnicas corporais, *self*⁵, *performance*, dentre outros. Quero

5 Para mais aprofundamento sobre o conceito de *self*, ver os trabalhos de Luiz Fernando Dias Duarte (1998) e Mary Jane Spink (2011). Os demais conceitos que utilizo como exemplos-chave dentro dos estudos sobre

deixar claro que isso não nos *obriga* a tal dissertação. Existem muitos outros conceitos que podem aparecer nos trabalhos que se dedicam ao tema da corporalidade na Antropologia dos Esportes, mas me sinto inclinada a dialogar com esses conceitos porque pavimentam a maior parte das pesquisas que referenciam os trabalhos dentro da temática aqui discutida, tanto no Brasil, quanto fora dele.

Nesse sentido, quando me deparo com trabalhos como o de Loïc Wacquant (2002), Bourdieu (1983, 2011), Guttmann (1978), ou mais localmente com os trabalhos de Simoni Guedes (1997), Luiz Fernando Rojo (2009, 2012), Alan Camargo Silva (2014), Leonardo Turchi (2013), Mônica Araujo (2011), Ingrid Fonseca (2015), Marília Bandeira (2012), Édison Gastaldo e Braga (2011) e Arlei Damo (2007), só para citar alguns exemplos, me deparo também com os conceitos que mencionei aqui. Se não todos os conceitos, a maioria deles. No entanto, não me deterei aqui a explicar cada um deles, mas a sublinhar e enfatizar a complexidade de falar de construção de corporalidade e evidenciar a contribuição de tratar, dentro do campo dos estudos sociais do esporte, esses conceitos. Isto é, falar de construção de corporalidade, além de admitir falar de *habitus*, técnicas corporais, *self*, *performance* etc., é também falar de como essa temática se coloca em um lugar epistemológico muito extenso. Da mesma maneira, falar de corpo não é somente falar de construção de corporalidades, mas envolve também processos de construção de conhecimentos de forma pendular. O lugar epistemológico desse tema é o espaço da construção de conceitos que ou surgiram a partir do corpo ou por causa dele.

Então eu posso falar sobre *habitus*⁶, para discutir sobre como esse conceito atribuí aos estudos da construção de corporalidade nuances e camadas de interpretação que descongelam o próprio conceito, que podem amplificá-lo. Eu dizia, na minha dissertação, que o *habitus* podia ser completamente recriado naquele contexto em que eu estudava esportes de aven-

construção de corporalidades estão sendo referenciados à medida que aparecem neste texto.

6 O conceito de *habitus* definido por Bourdieu pode ser entendido como “estruturas estruturantes”, “esquemas de percepção, apreciação e ação adquiridos pela prática e colocados em obra no estado prático” (BOURDIEU, 1983, p. 151).

tura⁷. Essa recriação do *habitus* se dava à medida que meus interlocutores estilizavam suas performances. Para esses processos eu usei a expressão "performatividades esportivas", para tomar de empréstimo um termo de Judith Butler (2002, 2006). Essas performatividades constituíam-se, naquele contexto, de combinações de atos treinados com a subjetividade do atleta.

Desse modo, aquilo que chamamos performance, agora de maneira reconfigurada, nos permite estabelecer uma cisão entre o conceito de performance esportiva (muito relacionado à mensuração, à racionalização de resultados, ao rendimento etc.) e os conceitos de performance elaborados pelos estudos da performance na Antropologia (sobre os quais se debruçaram inicialmente autores como Victor Turner (1966, 2005, 1968, 1974, 1975, 1985, 1987), Goffman (1959, 1967) e Richard Schechner (1977)). Dessa maneira, cito um trecho de minha dissertação, na qual pontuo que:

Essa cisão, do meu ponto de vista, acontece porque comumente as *performances* esportivas ficam alocadas ao domínio de uma técnica, com ênfase ao termo domínio, embora Mauss tenha elaborado que as técnicas corporais sejam socialmente construídas. A proposição de que a forma como estas técnicas são transmitidas constitui o "tríplice ponto de vista", o do "homem total" (MAUSS, 1974, p. 405), pode contribuir para a separação entre o domínio da natureza e o da cultura, ainda que ambos se construam mutuamente. Essa proposição é consonante com o conceito de *habitus*, já previamente posto por Mauss. Fazendo um breve paralelo com os estudos de gênero, para retomar minha posição em relação à proposição de Butler (2002, 2006), poderíamos dizer que o conceito de *habitus* parece se aproximar da maneira como Simone de Beauvoir elaborou seu conceito de gênero quando se referindo ao mesmo como construção cultural sobre sexo, este funcionando como uma categoria quase essencialista ou metafísica. O conceito de sexo/gênero de Beauvoir está para o conceito de técnicas corporais em Mauss, assim como a desconstrução do conceito de sexo e gênero em Butler, está para o conceito de performatividade esportiva, como proponho aqui. [...] A maneira como essas concepções são

7 Aqui utilizarei o trabalho etnográfico que realizei com corridas de aventura como exemplo para apontar a presença dos conceitos que venho destacando, para dissertar sobre como falar sobre corporalidade abarca muitos conceitos (que se estendem para inúmeras perspectivas temáticas: emoções, dor, envelhecimento, sofrimento etc.).

construídas expõe o corpo como "matéria-prima de inscrição simbólica e de materialização da cultura, locus privilegiado de análise do sujeito social." (PERUCHI, 2007, p. 91). Para Butler (2002), no entanto, os corpos não são superfícies de inscrições, mas a materialização das produções discursivas (OLIVEIRA, 2016, p. 76-77).

Ainda para exemplificar essas questões avanço um pouco mais no caso etnográfico que mencionei anteriormente para apontar como esses vários conceitos citados vão sendo trabalhados, reconfigurados e postos à reflexão nos respectivos contextos empíricos. Assim, as performatividades esportivas a que me referia em relação aos praticantes de esportes de aventura, interlocutores do meu trabalho, estão ligadas ao que eles chamam de *pace*. O *pace* é o ritmo empreendido pelo atleta durante a corrida, ou seja, é uma relação entre o tempo e a distância percorrida, formando, assim, a velocidade média do corredor. Por exemplo, se um atleta corre 1 km em 6 minutos, significa que seu *pace* é 6 min/km, quanto mais alto é o *pace* menor é a velocidade média do corredor, significa que ele correu uma determinada distância em um tempo maior. No entanto, o que pode parecer extremamente matemático e mensurável é, na verdade, uma significação muito mais ampla dentro do corolário de técnicas participantes da construção de corporalidade dos atletas em questão. O *pace* é uma categoria que implica toda uma significação do *self* dentro desse campo esportivo.

Uma situação de campo é bem explícita para ilustrar o que estou querendo dizer. Eu estava, certo dia, na orla da praia de Copacabana, junto aos meus interlocutores; havíamos terminado um treino e conversávamos descontraidamente enquanto nos preparávamos para ir embora, quando, na ciclovia, passou uma criança, de no máximo quatro anos, trajando bermuda, camiseta e um capacete, montada em uma bicicleta e pedalando vigorosamente, ao passo que todos os atletas olhavam a cena, até que um deles comentou: "Aí, Ed: futuro namorado da Laurinha" (filha desse professor). Ele, imediatamente, respondeu: "É! Pra namorar minha filha eu vou ter que perguntar: 'qual é o teu *pace*?'". Eu notava ali que o *pace* denotava não apenas a racionalização de números e resultados, mas que constituía uma identidade dentro da construção da *performance* dos atletas e que, portan-

to, participava da construção de suas corporalidades de modo distintivo. Em miúdos, o *pace* não denotava uma competição entre os atletas em questão, como uma forma de estabelecer uma linha entre os mais rápidos ou melhores corredores. Perguntar "qual é o teu *pace*?" denota incluir na resposta inúmeros significados para além da contagem do relógio. Quando os atletas, por exemplo compartilhavam seus *paces* entre si, conversando sobre eles, isso era um modo de apresentação diante de outros atletas, apresentar sua experiência enquanto sujeitos "da própria prática e uma forma também de marcar estas *performances* como uma formação de seus *selfs*" (OLIVEIRA, 2016, p. 84).

Estou buscando, com esse exemplo etnográfico, apontar para a variabilidade de conceitos (no exemplo que usei aparecem: performance, *habitus*, técnicas corporais, *selfs*) que podem surgir para contribuir para a narrativa analítica sobre construção de corporalidades. Embora eu use um exemplo pontual de minha pesquisa anterior, posso afirmar que em outros trabalhos, de autores que já citei e de outros que se apropriam da temática do corpo e do esporte, essas configurações e reconfigurações sobre os mesmos conceitos também compõem boa parte das atenções teóricas a que se dedicam os pesquisadores. Isso não significa dizer que tais conceitos sejam os únicos a serem evocados quando falamos de corporalidade, apenas quis deixar registrada a maneira como a noção de construção de corporalidade abarca muitos outros conceitos e que muitos deles insistem em configurar a lista daqueles "conceitos básicos", ou embrionários, nos trabalhos dentro do escopo "corpo e esporte". Ou seja, é por causa desse abarcamento que trato aqui da corporalidade como um conceito guarda-chuva.

Ainda, para além disso, a temática da corporalidade também revela, como mencionei anteriormente, uma complexidade que expressa grande variabilidade de subtemas, ou abordagens temáticas, atreladas a ela. Compete, então, destacar que temas como emoções, dores, sofrimento, gênero estão completamente articulados às possibilidades e perspectivas nos estudos sobre o corpo. Na Antropologia dos Esportes no Brasil é possível observar isso nos trabalhos dos supracitados autores (Bandeira, Guedes, Gastaldo, Silva, Rojo, Fonseca), e, mais atualmente, autores como Marcos Silbemann (2014) e Mariane Pisani (2018).

Ainda nessa intenção, me lembro de uma pergunta que levantei em minha dissertação (quando discutia sobre a significação do que é "esporte") e que ficou posta da seguinte maneira:

Não importaria, mais do que saber se tal e tal atividade se constitui um jogo, um esporte ou uma brincadeira, identificar os elementos que a constituem como algo singular? A pergunta, então, poderia se transformar em "o que esta prática pode dizer sobre o que se convencionou chamar jogo, esporte ou brincadeira e em que medida ela pode contribuir para flexibilizar estes conceitos?" ao invés de "o que é esporte?" ou "isto é esporte?" (OLIVEIRA, 2016, p. 31).

Neste momento eu faria essa pergunta novamente com a seguinte complementação: em que medida as práticas corporais estudadas por diversos autores contribuem para refletir aspectos sociais importantes como aqueles expostos nos conceitos de *habitus*, técnicas corporais, recrutados para pensar as corporalidades no esporte? São perguntas sempre com volta. Há uma flexão em perguntar para a noção de construção de corporalidade como ela ajuda a pensar o esporte, e perguntar ao esporte como ele ajuda a pensar as noções de construção de corporalidades.

Em outras palavras, estou querendo dizer que, quando recorro a diversos conceitos e temas abarcados pela construção da noção de corporalidade, estou estabelecendo uma dialética profícua não apenas para a Antropologia dos Esportes, mas para a própria Antropologia. Então, por exemplo, quando falo de performatividade e recorro à Butler para isso estou apontando que para se falar de corporalidade recorreremos a diversas linhas de pesquisa, como na perspectiva que tem sua imputação nos estudos de gênero, que é o contexto em que se insere o trabalho desta autora.

Além disso, ao falar ainda desse mesmo exemplo conceitual, ou seja, o de performatividade, estou aqui problematizando ideais regulatórios implícitos na construção da noção de práticas esportivas ou, mais especificamente, do que se convencionou chamar de *performances esportivas* (no sentido da utilização de termos como "alto-rendimento" ou "desempenho"). É aí que acredito residir a espinha da reflexão inicialmente pontuada: colocar

essas questões em suspeição a partir de ou por causa das pesquisas que residam nos estudos dos esportes enquanto fenômenos sociais permite compreender a relevância desses trabalhos, uma vez que falar de esporte requer indissociavelmente falar de corpos e seus usos, bem como dar luz às diversas manifestações dos indivíduos nos seus contextos e, conseqüentemente, às várias formas de elucidar o que temos chamado de cultura, aos diferentes conceitos fundantes, como os de indivíduo, sociedade e da noção de pessoa, por exemplo.

Procurei, já concluindo esta sucinta explanação, sublinhar como a temática da corporalidade, ao abarcar muitos conceitos, os quais tentei ilustrar com exemplos mais específicos, amplifica e enriquece os estudos sociais do esporte e como ela alimenta e é alimentada pela Antropologia, mais particularmente a Antropologia dos Esportes. Busquei, também, apontar para o fato de que a criação dos eixos temáticos sobre corpo nos Grupos de Trabalhos sobre esporte, nos eventos realizados pela Associação Brasileira de Antropologia, contribuiu significativamente para o alargamento e aprofundamento das questões em torno do corpo. A presença desse eixo temático não apenas revelou que a maior parte dos estudos que eram voltados para o futebol debruçava-se pouco sobre o tema aqui apresentado, como também possibilitou conhecer as diversas pesquisas sobre outros esportes e suas vastas contribuições para os estudos sobre construção de corporalidade e para as diferentes abordagens e perspectivas correlacionadas.

Referências

ARAUJO, Monica da Silva. *O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

BANDEIRA, Marília Martins. *No galejo da remada: estudo etnográfico sobre a noção de aventura em Brotas, SP*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre os límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires/ Barcelona; México: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2007.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Investigação antropológica sobre doença, sofrimento e perturbação: uma introdução. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; Leal, Ondina Fachel (Orgs.). *Doença, Sofrimento, Perturbações: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1998. p. 9-27.

FONSECA, Ingrid. *Sociabilidades no clube de malha: perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento*. 2015. 242 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

GASTALDO, Édison; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-893, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual*. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Garden City, NY: Doubleday, 1959.

GUEDES, Simoni Lahud. L. *Jogo de corpo: estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: Eduff, 1997.

GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record*. New York: Columbia University Press, 1978.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Anthropologia*. PUF, [1936] 1974. p. 368-369.

OLIVEIRA, Cilene Lima. *Aventura, performance e sofrimento: construção de corporalidades em esportes de Aventura*. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

PISANI, Mariane da Silva. *"Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2018.

ROJO, Luiz Fernando. Borrando los sexos, creando los géneros: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v6n2/luiz-fernando-rojoborrando-los-sexos-creando-los-generos/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

ROJO, Luiz Fernando. *"Vivendo 'nu' paraíso": comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Rio de Janeiro: Dígrafo Produção de Mídias Ltda, 2012.

SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*. New York; London: Routledge, 1977.

SILBERMANN, Marcos. *No limiar do humano: doping e performance esportiva em perspectiva antropológica*. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Alan Camargo. *"Limites" corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ; Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 2014.

SPINK, Mary Jane P. Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. In: SPINK, Mary Jane P.; FIGUEIREDO, Pedro; BRASILINO, Jullyane (Orgs.). *Psicologia social e personalidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011. p. 1-22.

TURCHI, Leonardo. Corpo, envelhecimento e desengajamento esportivo: notas sobre o voleibol de alto rendimento. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 10., 2013, Córdoba. *Trabalho apresentado [...]*. Córdoba: UNC, 2013.

TURNER, Victor. *Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, [1967] 2005.

TURNER, Victor. *On the edge of the bush: Anthropology as experience*. Tucson: Arizona University Press, 1985.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, [1969] 1974.

TURNER, Victor. *Revelation and divination in Ndembu ritual*. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an african society*. Manchester: Manchester University Press, [1957] 1996.

TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. Nova York: PAJ Publications, 1987.

TURNER, Victor. *The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.